

INCLUSÃO DE ALUNOS COM TEA E O PAPEL DOS PROFESSORES DE EDUCAÇÃO FÍSICA: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

Júlia Mayara de Souza Amoras ¹
Sthefane Lorrane Marimho do Nascimento ²
Rayra Khalinka Neves Dias ³

RESUMO

O presente relato de experiência tem como objetivo observar o papel dos professores de Educação Física no processo de inclusão de alunos com Transtornos do Espectro Autista (TEA) durante as aulas do ensino básico. O estudo destaca as principais dificuldades enfrentadas pelos docentes e estratégias pedagógicas utilizadas, como planejamento individualizado, adaptações nas atividades, ambiente estruturado e parceria com as famílias. A experiência relatada foi desenvolvida no âmbito da disciplina de Estágio Supervisionado I do curso de Licenciatura em Educação Física da Universidade Federal do Pará campus Castanhal. O estágio foi realizado em três escolas da cidade de Castanhal/Pará, sendo duas públicas e uma particular, abrangendo turmas do ensino infantil ao 5ª ano do ensino fundamental dos anos iniciais. No total participaram nove alunos com TEA. O referencial teórico - metodológico fundamenta-se na perspectiva da educação inclusiva, que valoriza a diversidade e a singularidade dos indivíduos, propondo estratégias pedagógicas críticas, criativas e transformadoras. Para coleta das informações, utilizou-se uma abordagem qualitativa, com observações registradas em diário de campo. Os resultados indicaram que os professores enfrentam desafios significativos, considerando que cada aluno com TEA possui particularidades específicas. Conclui-se que o papel do professor de Educação Física é crucial na construção de uma prática inclusiva, oferecendo atividades recreativas, esportivas e lúdicas alinhadas às necessidades e ao desenvolvimento das crianças. Essa abordagem reforça a importância de uma Educação Física inclusiva, que contribua para o desenvolvimento integral dos alunos.

Palavras-chave: Inclusão, TEA, Docente, Educação Física.

INTRODUÇÃO

A escola além de garantir o direito à educação é essencial para identificar possíveis dificuldades no desenvolvimento infantil. Como primeiro ambiente de socialização fora do núcleo familiar, a escola permite observar o comportamento dos alunos em diferentes

¹Graduanda do Curso de Educação Física da Universidade Federal do Pará - UFPA, julinhaamoras14@gmail.com ;

²Graduanda pelo Curso de Educação Física da Universidade Federal do Pará - UFPA, lorranestheff06@gmail.com ;

³ Professora do Curso de Educação Física da Universidade Federal do Pará - UFPA, rayradias@ufpa.br ;



contextos, ajudando no processo de diagnóstico (SANTOS, 2008). A Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Lei nº 13.146/2015), assegura os direitos de pessoas com deficiência, incluindo crianças com síndromes e transtornos, estabelecendo que, preferencialmente, devem estar inseridas no ensino regular, destacando sua importância nos espaços de ensino formal.

Entre os alunos com necessidade especiais, destaca-se o público com Transtorno do Espectro Autista (TEA), uma condição neurológica que afeta o desenvolvimento da comunicação, interação social e comportamento. O TEA apresenta três níveis de suporte, implicando em limitações motoras e verbais que influenciam diretamente no ensino e aprendizagem. Apesar do potencial de explorar capacidades específicas durante as aulas, muitos professores enfrentam dificuldades devido à falta de preparo ou capacitação, o que se torna um desafio na inclusão desses alunos (GAUDERER; PRAÇA, 2011).

A missão do educador é assegurar que todos os alunos, independentemente de suas condições físicas, cognitivas ou sociais, tenham acesso à aprendizagem significativa. A escola deve ser um espaço de acolhimento e de respeito à diversidade, onde as diferenças não sejam vistas como obstáculos, mas como oportunidades de crescimento. Cada estudante traz consigo um modo próprio de aprender e interagir, exigindo do professor sensibilidade e criatividade para adaptar suas práticas. Nesse contexto, ensinar torna-se um ato de coragem e compromisso ético, como afirmam Freire e Shor (1987). A verdadeira educação nasce do diálogo, da escuta e do amor pelo ser humano, princípios que orientam o caminho para uma escola mais justa, inclusiva e transformadora.

Assim como a escola, os professores têm como princípio fundamental promover um ambiente inclusivo em que todos os alunos possam aprender, independentemente de suas dificuldades e diferenças. Este compromisso é respaldado pela Declaração de Salamanca, que defende princípios de igualdade, participação e acesso universal, considerando as diversas condições físicas, intelectuais, sociais, emocionais e linguísticas dos estudantes (UNESCO, 1994).

Data a importância da inclusão, destaca-se o papel da Educação Física Escolar, especialmente no caso de alunos com TEA. Os professores de Educação Física desempenham um papel crucial no desenvolvimento e inclusão desses alunos ao



ministrar atividades lúdicas que envolvam a psicomotricidade e possuem cunho pedagógico. Tais práticas contribuem para o desenvolvimento cognitivo, social, emocional e físico dos alunos (CARMO, 2012).

Nessa perspectiva, vários avanços vêm acontecendo na sociedade atual, principalmente no âmbito da educação que está relacionada a inclusão e socialização de alunos com deficiência física e intelectual no meio escolar. Com isso, a Educação Física Escolar está totalmente ligada com esse processo, o papel do professor de Educação Física é de extrema importância para a mediação do processo de inclusão. Este profissional é responsável por práticas corporais, como os conteúdos de jogos, esportes, ginástica, lutas e práticas de aventura, que estão de acordo com a Base Comum Curricular (BNCC, 2018).

De acordo com Miranda e Galvão (2012), em seu livro “O professor e Educação Inclusiva”, trazem contribuições significativas para o entendimento da relação entre o professor e a educação inclusiva. Esses autores destacam três aspectos essenciais: a formação do professor; a prática pedagógica, que deve possibilitar a interação crítica e criativa com pessoas singulares sala de aula; e os espaços de aprendizagem, que frequentemente rompem barreiras da sala de aula tradicional, assim, tendo um grande avanço no ensino e aprendizagem, visando uma sociedade inclusiva.

A educação inclusiva exige um novo olhar sobre o papel do professor, que deve estar preparado para atuar de maneira reflexiva e inovadora. A formação docente, a prática pedagógica e a ressignificação dos espaços de aprendizagem são fatores determinantes para garantir o acesso, a permanência e o sucesso de todos os alunos no ambiente escolar (MIRANDA; GALVÃO, 2012).

A escola, portanto, tem papel fundamental nesse processo, pois é o espaço em que se concretizam as interações que favorecem o desenvolvimento integral do indivíduo. O professor atua como mediador, criando situações de aprendizagem que valorizam as experiências e os saberes prévios de cada aluno. Ao oferecer estímulos adequados e apoio pedagógico, o educador contribui para que o aluno com deficiência encontre caminhos alternativos para expressar suas habilidades, reforçando o princípio vigotskiano de que o aprendizado precede o desenvolvimento e o impulsiona (VIGOTSKI, 1997).



Historicamente, as décadas de 1950 e 1960 no Brasil a educação especial era baseada em abordagens que segregam as pessoas com necessidades especiais, assim, várias organizações, pais e profissionais que trabalhavam com essas pessoas se mobilizaram para garantir direito de inclusão educacional mais justo e igualitária (BITTENCOURT, 2016).

Cada indivíduo com TEA é único, com características particulares, com necessidades, habilidades e padrões de comportamento. Cabe ressaltar que o TEA não define uma pessoa. A inclusão e a compreensão dessas singularidades são fundamentais para a promoção de uma sociedade mais inclusiva e para o fortalecimento do processo educacional (COSTA, 2017).

Dessa forma, a ideia de que a deficiência é sinônimo de incapacidade, propondo uma abordagem mais humana e dialógica. A superação das limitações não ocorre de forma isolada, mas através do convívio social e da mediação cultural. Quando a escola promove um ambiente de cooperação, respeito e inclusão, ela torna-se um espaço de reconstrução de saberes, em que todos com ou sem deficiência aprendem e evoluem juntos. Essa perspectiva reforça o valor da diversidade como elemento essencial para o crescimento coletivo e para a construção de uma educação verdadeiramente transformadora (VIGOTSKI, 1997).

Nesse sentido, o presente trabalho propõe-se a contribuir com a discussão sobre a prática inclusiva na Educação Física escolar, apresentando reflexões teóricas e experiências vividas durante o estágio supervisionado. Através dessa análise, busca-se evidenciar a relevância da formação continuada dos professores e do compromisso coletivo da comunidade escolar na construção de um ambiente mais inclusivo e humanizado, capaz de respeitar e valorizar as singularidades de cada aluno.

Dessa forma, este trabalho busca relatar a experiência realizada durante o estágio supervisionado no ensino infantil e nos anos iniciais do ensino fundamental em escolas no município de Castanhal/Pará. Com objetivo investigar o papel do professor de Educação Física no processo de inclusão de alunos com TEA, analisar as metodologias e relatar as vivências enquanto graduanda.

METODOLOGIA



Dessa forma, este trabalho busca relatar a experiência realizada durante o estágio supervisionado no ensino infantil e nos anos iniciais do ensino fundamental em escolas no município de Castanhal/Pará. Com objetivo investigar o papel do professor de Educação Física no processo de inclusão de alunos com TEA, analisar as metodologias e relatar as vivências enquanto graduanda.

Durante o estágio supervisionado foram realizadas aulas teóricas, práticas e jogos com temáticas lúdicas como jogos cooperativos, jogos de tabuleiro, confecções de brinquedos, ginástica, lutas e esportes. Para a elaboração deste relato de experiência, adotou-se a técnica de observação como principal método de coleta de dados, sendo fundamentada na vivência direta dos autores enquanto estagiários. Essa abordagem permitiu explorar e familiarizar-se com a temática, possibilitando uma análise mais aprofundada sobre os desafios e estratégias envolvidas no processo de inclusão no contexto das aulas de Educação Física escolar.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para contribuir acerca do papel do professor de educação física no processo de inclusão na escola. Logo abaixo estão descritas a experiência vivenciada no estágio e relatos dos professores sobre a temática em questão.

1. DIFICULDADES PARA MINISTRAR AS AULAS

Nas escolas quase todas as turmas tinham algum aluno com TEA, que eram acompanhados por “mediadores” que são professores com formação em pedagogia e exclusivos para acompanhar o processo pedagógico. O professor de Educação Física que é responsável por grande parte dos conteúdos que envolvem movimento e cultura corporal resalta as dificuldades durante as aulas, pois, cada aluno com TEA tem suas particularidades e muitas vezes não participa diretamente das aulas. E mesmo com os desafios, os docentes sempre procuram uma forma de incluir os alunos procurando estratégias como, conversar com os pais, consultar profissionais da área para compreender as especificidades, adaptações individuais, e entender as preferências e sensibilidades para incluir a participação desses alunos.

A inclusão de alunos com TEA nas escolas é uma temática que vem crescendo cada vez mais e tendo muitas discussões na atualidade. O processo de inclusão que promove a participação de todas as crianças com alguma dificuldade seja de comunicação e de



interação social, é um desafio para os familiares, educadores e profissionais da saúde (CUNHA, 2017).

Nesse contexto, o papel do professor de educação física também é de grande importância para que as práticas pedagógicas sejam inclusivas e responsáveis para promover a ludicidade, a socialização e o desenvolvimento infantil, assegurando os valores da aprendizagem mais inclusiva.

A inserção dos alunos com TEA na escola regular, em particular nas aulas de Educação Física, exige dos professores uma postura de constante reflexão e busca por aprimoramento. É fundamental que o docente compreenda as características singulares de cada aluno, como a sensibilidade sensorial, as dificuldades de comunicação e interação social, e o apego à rotina. Essa compreensão é o ponto de partida para a criação de um ambiente de aprendizagem verdadeiramente acolhedor e inclusivo.

Nesse sentido, a colaboração com os mediadores e outros profissionais da área de saúde e educação é crucial. O trabalho interdisciplinar permite que o professor de Educação Física tenha acesso a informações detalhadas sobre o perfil do aluno com TEA, suas necessidades e suas potencialidades, subsidiando a elaboração de estratégias pedagógicas mais eficazes. A troca de experiências e conhecimentos entre os profissionais da escola também contribui para a uniformidade do apoio e para a construção de um plano de desenvolvimento individualizado mais coerente.

As estratégias de ensino, portanto, devem ser cuidadosamente planejadas para atender à diversidade da turma. O uso de recursos visuais, como cartões com a sequência de atividades ou regras de jogos, pode auxiliar na antecipação e na compreensão das tarefas, minimizando a ansiedade e a resistência do aluno com TEA à mudança de rotina. A simplificação das instruções, o reforço positivo e a mediação por pares (outros alunos da turma) são ferramentas valiosas que estimulam a participação e a interação social de forma gradual e respeitosa.

É importante ressaltar que a Educação Física, ao trabalhar com a cultura corporal e o movimento, oferece um espaço privilegiado para o desenvolvimento de habilidades motoras, cognitivas e sociais. Atividades lúdicas, jogos cooperativos e práticas que envolvem contato físico e coordenação podem ser adaptadas para promover a socialização e a comunicação, respeitando o tempo e o interesse do aluno com TEA. O



objetivo principal não é a performance, mas sim a participação plena, o desenvolvimento da autonomia e a construção de laços afetivos e sociais.

Em suma, o papel do professor de Educação Física no processo de inclusão de alunos com TEA transcende a simples adaptação de regras ou materiais. Ele se configura como um agente facilitador que, por meio de sua sensibilidade, conhecimento e criatividade, transforma a aula em um espaço de experimentação, aceitação e crescimento mútuo. A inclusão efetiva é um caminho contínuo, que exige dedicação, formação continuada e um olhar atento às necessidades individuais, garantindo que a escola seja um direito e uma experiência enriquecedora para todos.

2. BUSCA PELA CAPACITAÇÃO

Os professores não estão preparados totalmente para incluir os alunos de maneira justa, pois não se sentem capacitados o suficiente para isso. Nesse sentido, os professores buscam ter mais informações e capacitação, por meio de cursos de formação, alguns desses cursos são oferecidos pela secretaria municipal de educação, justamente para a melhorar as práticas de intervenção psicopedagógicas para esse público em questão.

De acordo com Soares *et al.* (2012), a Educação Física dentro da escola tem o papel de desenvolver na criança a capacidade e habilidades motoras, promovendo também espaços educativos com relações interpessoais, de autoestima e autoconfiança. Nesse sentido, os métodos de capacitação para uma Educação Física mais inclusiva, se deve por meio de planejamento, adaptações, apoio tecnológico, com isso, os benefícios da capacitação promovem confiança para o professor, a melhora do ambiente e a melhoria do desempenho do aluno em questão.

A aprendizagem do aluno com TEA é rodeada de dificuldade dentro e fora do contexto escolar. E é dentro das escolas que as famílias esperam que seus filhos com TEA sejam bem acolhidos sem segregação. Os professores de uma maneira geral têm um papel significativo, porque para que esse educador aprenda sobre as dificuldades de aprendizagem e modos de intervenção de incluir o aluno (CUNHA, 2017).

A inclusão escolar, especialmente no contexto das aulas de Educação Física, exige uma mudança de paradigma por parte dos professores e da comunidade escolar. A busca pela capacitação é o primeiro passo, mas é igualmente importante que essa



formação seja contínua e reflexiva. O professor precisa compreender que cada aluno possui um ritmo e uma forma própria de aprender, e que a diversidade deve ser entendida como um valor, e não como um obstáculo. Assim, o processo de inclusão passa a ser visto como uma oportunidade de crescimento coletivo, onde todos aprendem com as diferenças.

Outro desafio está na falta de recursos e apoio especializado dentro das escolas. Muitas vezes, o professor de Educação Física precisa lidar sozinho com situações complexas, sem a presença de um assistente ou de materiais adaptados para alunos com deficiência ou TEA. A ausência desse suporte pode gerar insegurança e sobrecarga, dificultando a prática pedagógica. Por isso, é essencial que as políticas públicas garantam condições estruturais adequadas e ofereçam suporte técnico e emocional aos profissionais envolvidos no processo inclusivo.

Além disso, a sensibilização dos colegas e da comunidade escolar é um fator determinante para o sucesso da inclusão. O professor de Educação Física, por lidar com atividades coletivas e dinâmicas, têm a oportunidade de promover a empatia e a colaboração entre os alunos. Quando o grupo compreende a importância da inclusão e se envolve ativamente, o ambiente torna-se mais acolhedor, e o aluno com necessidades específicas sente-se parte integrante do processo de aprendizagem.

A comunicação entre escola e família também é fundamental. O diálogo constante com os responsáveis pelo aluno permite que o professor conheça melhor as particularidades e as potencialidades de cada criança, adaptando suas estratégias de ensino de maneira mais eficaz. A parceria entre escola e família fortalece o sentimento de confiança e cooperação, aspectos essenciais para o desenvolvimento integral do aluno com TEA.

Por fim, é importante destacar que a inclusão não se limita à presença física do aluno na escola, mas sim à sua real participação nas atividades e no convívio social. O papel do professor de Educação Física é, portanto, promover experiências que estimulem o movimento, a interação e o respeito mútuo. A capacitação contínua, o apoio institucional e o compromisso ético com a inclusão são os pilares que sustentam uma prática pedagógica verdadeiramente transformadora.

3. APOIO DA COMUNIDADE ESCOLAR



O apoio da comunidade escolar é um dos fatores mais relevantes para o sucesso da inclusão de alunos com TEA. A escola, enquanto espaço de convivência social e aprendizagem, deve funcionar como uma rede de apoio onde professores, gestores, funcionários, alunos e famílias atuam de forma colaborativa. Essa união é essencial para garantir que o aluno com não apenas esteja inserido fisicamente na escola, mas que também participe de forma ativa e significativa das atividades propostas. O sentimento de pertencimento surge quando a comunidade escolar se envolve verdadeiramente no processo inclusivo.

Os gestores escolares têm papel decisivo nesse contexto, pois são responsáveis por criar condições para que os professores possam desenvolver um trabalho pedagógico inclusivo e de qualidade. Cabe à gestão escolar promover um ambiente de escuta e de acolhimento, oferecendo formação continuada, materiais adequados e tempo de planejamento coletivo. Além disso, é necessário que a escola construa uma cultura institucional que valorize a diversidade, incentivando práticas que estimulem o respeito, a empatia e a cooperação entre todos os membros da comunidade.

A atuação dos colegas de turma também exerce influência significativa no processo de inclusão. Quando os alunos são orientados a compreender as diferenças e a conviver de forma respeitosa, o ambiente torna-se mais acolhedor e solidário. O professor de Educação Física, ao utilizar jogos cooperativos e atividades coletivas, pode aproveitar esses momentos para promover o trabalho em equipe e a ajuda mútua, desconstruindo estigmas e reforçando a importância da amizade e da empatia dentro da escola. Essas vivências ajudam o aluno com TEA a desenvolver habilidades sociais e emocionais fundamentais para sua formação integral.

Outro aspecto importante é o envolvimento das famílias e da comunidade externa no cotidiano escolar. A inclusão efetiva não se limita aos muros da escola, ela se expande para a convivência social mais ampla. Através de reuniões, palestras e eventos integradores, é possível aproximar os pais e responsáveis do processo educativo, criando uma rede de suporte emocional e informativo. Essa parceria fortalece o diálogo entre escola e família, facilitando o acompanhamento do desenvolvimento do aluno e garantindo intervenções mais assertivas.



Os funcionários da escola, como auxiliares, merendeiras, porteiros e demais colaboradores, também devem ser incluídos nesse processo. Muitas vezes, são eles que têm contato direto e diário com os alunos em momentos fora da sala de aula, como no recreio ou na entrada e saída da escola. Portanto, é fundamental que todos recebam orientações básicas sobre como agir de maneira inclusiva e respeitosa. A formação de toda a equipe escolar amplia o alcance da inclusão e contribui para a criação de um ambiente mais humanizado e seguro para todos.

Por fim, é necessário compreender que o apoio da comunidade escolar deve ser contínuo e sistemático. A inclusão não é um projeto isolado ou temporário, mas sim uma prática que deve estar enraizada na cultura da escola. A cooperação entre professores, alunos, famílias e gestores possibilita a construção de um espaço educacional mais justo e solidário, onde cada indivíduo é reconhecido e valorizado em suas potencialidades. Dessa forma, a Educação Física e toda a instituição escolar cumprem seu verdadeiro papel social: formar cidadãos conscientes, empáticos e preparados para viver em uma sociedade diversa.

4. O PROFESSOR COMO MEDIADOR E ALUNO COM TEA

O papel do professor como mediador no processo de ensino-aprendizagem de alunos com TEA é essencial para o desenvolvimento das potencialidades desses estudantes. Inspirado na teoria histórico-cultural, o professor deixa de ser apenas um transmissor de conhecimento e passa a atuar como um facilitador das interações sociais e cognitivas, promovendo situações de aprendizagem significativas. A mediação pedagógica é o elo que conecta o aluno ao conhecimento, permitindo que ele compreenda o mundo ao seu redor e desenvolva suas habilidades de forma gradual e integrada (VIGOTSKI, 1997).

A presença de alunos nas escolas regulares desafia o professor a compreender que o aprendizado ocorre de maneira diversa para cada indivíduo. Nesse sentido, o educador precisa reconhecer as particularidades cognitivas e comportamentais de seus alunos, respeitando seus ritmos, modos de comunicação e interesses específicos. A mediação se dá quando o professor adapta suas estratégias e cria ambientes que estimulem a curiosidade e a participação ativa, utilizando recursos visuais, atividades estruturadas e



linguagem clara e objetiva. Esse cuidado promove segurança e previsibilidade, fatores fundamentais para o aluno.

As interações sociais constituem um dos pilares da mediação pedagógica e são fundamentais para o desenvolvimento de habilidades comunicativas e emocionais. O professor de Educação Física, por exemplo, tem um papel privilegiado nesse aspecto, pois suas aulas proporcionam experiências corporais e coletivas que favorecem a convivência e a cooperação. Por meio de jogos, brincadeiras e atividades adaptadas, o docente pode incentivar o trabalho em grupo e a troca entre os colegas, reduzindo barreiras sociais e promovendo a inclusão de forma concreta e efetiva.

A atuação do professor mediador não se limita ao planejamento das atividades, mas envolve também a observação atenta e constante do comportamento do aluno. Com base nessa observação, o educador pode ajustar suas intervenções de acordo com as necessidades apresentadas, identificando momentos de avanço e dificuldades. Essa postura reflexiva permite uma prática pedagógica mais sensível e individualizada, fortalecendo o vínculo entre professor e aluno e estimulando o desenvolvimento de autonomia e autoconfiança.

Outro aspecto relevante é a parceria entre o professor e a equipe multidisciplinar da escola, que pode incluir psicólogos, terapeutas ocupacionais e mediadores pedagógicos. Essa colaboração favorece uma compreensão mais ampla das necessidades do aluno, possibilitando intervenções mais adequadas e eficazes. O trabalho conjunto também contribui para que o professor se sinta apoiado e orientado, transformando o ambiente escolar em um espaço de cooperação e aprendizado mútuo.

A relação com a família é igualmente importante para o sucesso da mediação. O diálogo constante entre escola e responsáveis garante que as estratégias pedagógicas estejam alinhadas às necessidades e ao contexto do aluno. Quando a família participa ativamente do processo educativo, compartilhando informações e acompanhando o desenvolvimento da criança, cria-se uma rede de apoio essencial para o progresso contínuo. Essa parceria fortalece a confiança e favorece a continuidade das aprendizagens tanto dentro quanto fora da escola.

Por fim, ser mediador implica compreender que o ensino é um processo dinâmico, que exige empatia, paciência e flexibilidade. O professor que adota essa postura



contribui não apenas para o desenvolvimento acadêmico do aluno com TEA, mas também para sua inserção social e emocional. Ao transformar a sala de aula e, no caso da Educação Física, o espaço do movimento em um ambiente de interação e respeito, o educador cumpre sua função de agente de inclusão e de transformação social, tornando a escola um lugar verdadeiramente acessível a todos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Portanto, os Professores de Educação Física desempenham um papel fundamental no processo de inclusão, sendo imprescindível que adotem estratégias metodológicas adequadas para atender às necessidades específicas de alunos com TEA, assim como de pessoas com deficiências ou síndromes. Dentre essas estratégias, destacam-se a avaliação inicial do aluno, a aplicação de métodos de ensino diferenciados, a criação de ambientes estruturados, adaptações de atividades, o uso de jogos cooperativos e colaboração estreita com as famílias para garantir a interação e o desenvolvimento desses alunos.

A educação física inclusiva por meio de práticas esportivas, atividades recreativas e momentos de ludicidade, permite conhecer cada fase do desenvolvimento da criança e compreender as necessidades específicas dos alunos facilitando o processo da inclusão respeitando suas particularidades.

A atuação do professor de Educação Física, nesse contexto, ultrapassa o simples ensino de habilidades motoras. O educador torna-se um mediador das relações sociais, incentivando a convivência, o respeito e a valorização das diferenças. Ao planejar suas aulas de forma intencional e adaptada, o professor contribui para o fortalecimento da autoestima e da autonomia dos alunos com TEA ou outras deficiências, permitindo que cada um alcance seu máximo potencial dentro das suas possibilidades.

Outro ponto essencial é o uso de estratégias pedagógicas diversificadas que contemplem diferentes estilos de aprendizagem. O professor deve utilizar recursos visuais, estímulos sonoros, atividades táteis e outras ferramentas sensoriais que facilitem a compreensão e a participação de todos os alunos. Essa abordagem multissensorial torna as aulas mais dinâmicas e inclusivas, possibilitando a interação entre alunos com e sem deficiência de forma natural e significativa.



A criação de um ambiente acolhedor também é indispensável para o sucesso da inclusão. Isso envolve desde a organização do espaço físico garantindo segurança e acessibilidade até a construção de um clima emocional positivo, onde o erro é entendido como parte do processo de aprendizagem. A valorização das conquistas individuais e coletivas estimula o engajamento e a confiança dos alunos, tornando a Educação Física um espaço de crescimento pessoal e social.

A colaboração entre os diferentes profissionais da escola, como psicólogos, terapeutas ocupacionais e professores de apoio, é igualmente importante. O trabalho em equipe favorece a troca de saberes e a construção de estratégias mais eficazes para o atendimento das necessidades específicas de cada aluno. Dessa forma, a inclusão deixa de ser uma responsabilidade exclusiva do professor de Educação Física e passa a ser um compromisso compartilhado por toda a comunidade escolar.

Por fim, é fundamental que as escolas invistam em formação continuada para os docentes, promovendo espaços de reflexão e atualização sobre práticas inclusivas. Através do aprendizado constante e da partilha de experiências, o professor sente-se mais preparado e confiante para enfrentar os desafios do dia a dia. Assim, a Educação Física torna-se um instrumento poderoso de transformação social, capaz de romper barreiras e promover uma verdadeira cultura de inclusão.

O processo de inclusão de alunos com TEA depende diretamente do envolvimento coletivo da comunidade escolar e da postura mediadora do professor. A construção de uma escola verdadeiramente inclusiva não ocorre de forma isolada, mas através da cooperação entre professores, gestores, famílias e demais profissionais. Quando todos os atores da comunidade educativa assumem o compromisso com a diversidade, o ambiente escolar se transforma em um espaço de acolhimento, respeito e oportunidades iguais para todos os estudantes.

O professor, como mediador, é o principal articulador desse processo, pois sua prática pedagógica orienta o modo como o aluno com TEA vivencia a aprendizagem e as relações sociais. Ao planejar atividades acessíveis, adotar estratégias diferenciadas e estimular a interação entre os colegas, o educador promove o desenvolvimento integral do aluno. Essa mediação sensível e intencional é o que permite romper barreiras e



fortalecer o potencial de cada indivíduo, transformando as dificuldades em possibilidades de crescimento.

A parceria entre escola e família também se destaca como um fator indispensável para o sucesso da inclusão. O diálogo constante e o compartilhamento de informações possibilitam compreender melhor as necessidades do aluno, garantindo intervenções mais coerentes e eficazes. A presença ativa da família no cotidiano escolar contribui para a continuidade das aprendizagens, reforçando a confiança entre todos os envolvidos e fortalecendo a rede de apoio em torno da criança.

Conclui-se, é imprescindível compreender que a inclusão não é apenas uma meta a ser atingida, mas um processo contínuo de reflexão, aprendizado e transformação. O apoio da comunidade escolar, aliado à ação mediadora e humanizadora do professor, constitui a base para uma educação que valoriza as diferenças e reconhece o potencial de cada aluno. Assim, a escola cumpre seu verdadeiro papel social: formar cidadãos críticos, empáticos e preparados para viver em uma sociedade plural e solidária.

REFERÊNCIAS

BITTENCOURT, Evaldo de Souza. **Políticas públicas para a educação básica no Brasil, descentralização e controle social** – limites e perspectivas. Universidade do Estado do Rio de Janeiro/ RJ, 2016.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2016.

BRASIL. **Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015**. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, 7 jul. 2015. Disponível em:
https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/113146.htm.

CARMO, A. A. Inclusão escolar e a Educação Física: que movimentos são estes? *Revista Integração*, Edição especial: **Educação Física adaptada**, Brasília, ano 14, p. 6-13, 2012.

COSTA, Fihama Brenda Lucena da. **O processo de inclusão do aluno autista na escola regular**: análise sobre as práticas pedagógicas. Caicó-RN: UFRN, 2017.

CUNHA, Eugênio. **Autismo e Inclusão**: Psicopedagogia práticas educativas na escola e na família. 7. ed. Rio de Janeiro: Wak, 2017.

FREIRE, Paulo; SHOR, Ira. **Medo e ousadia: o cotidiano do professor**. 10. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GAUDERER, E. C.; PRAÇA, E. T. P. O. **Uma reflexão acerca da inclusão de aluno autista no ensino regular**. 2011.



MIRANDA, Teresinha Guimarães; GALVÃO, Teófilo Alves. **O professor e a educação inclusiva** (formação, práticas e lugares). Salvador: EDUFBA 2012.

MENDONÇA, Mariana. A inclusão escolar de crianças com Transtorno do Espectro do Autismo. **UNIPLAC**, Gama-DF, 40p, Dezembro, 2021.

UNESCO. **Declaração de Salamanca**. Sobre Princípios, Políticas e Práticas na Área das Necessidades Educativas Especiais. 1994.

SANTOS, Ana Maria Tarcitano. **Autismo: um desafio na alfabetização e no convívio escolar**. São Paulo: CRDA, 2008.

SOARES et al. **Metodologia do ensino da Educação Física**. São Paulo: Cortez, 1992.

VYGOTSKY, Lev Semionovitch. **Obras escogidas V: Fundamentos de defectologia**. Madrid: Visor, 1997.

